

O ousado desafio da Revista Convergência Crítica de lançar um dossiê exclusivamente sobre *rap* foi finalizado com uma edição que contempla os três maiores países que foram colonizados por Portugal: Angola, Brasil e Moçambique.

Observar diferentes discursos na mesma expressão artística e no mesmo idioma nos leva a perceber consequências da ligação histórica entre os países estudados. Essa ligação ocorre devido ao histórico colonial, mas os textos enfatizam justamente a narrativa decolonial, perspectiva em que a história é contada por grupos estruturalmente invisibilizados. O *rap* é um dos poucos espaços para esses grupos se expressarem e ocuparem a posição de protagonistas, em que se busca inverter a lógica do poder.

Entender que o sistema-mundo se estabelece em estruturas colonialistas, heteropatriarcalistas e capitalistas nos leva a compreender que há uma classe hegemônica que se impõe globalmente, estabelecendo um padrão de poder, por meio dessas três formas de opressão. Entretanto, as dinâmicas de opressão e resistência se configuram em uma dinâmica entre o global e o local. Os textos de cada um dos autores decifram quais dinâmicas locais são essas e quais grupos sociais estão utilizando o *rap* para apresentarem suas pautas.

No artigo assinado por Luísa Mendonça, há uma cronologia resumida sobre os primeiros anos do *rap* no Brasil, mas também há uma importante descrição sobre os discursos mais invisibilizados no cenário nacional e as ações de destaque para vencer essa estrutura de silenciamento de discursos.

A autora apresenta assim as diferenças étnicas e regionais, ao destacar o grupo indígena Brôs MCs e também o cenário nordestino, região mais pobre do Brasil. Mendonça ainda destaca os nomes de Lívia Cruz, Flora Matos e Karol Conká como *rappers* feministas que estão vencendo a barreira da invisibilidade sexista. Outro discurso apresentado pela autora é relativo a ascensão de *rappers* gays, em que é apresentado o exemplo de Rico Dalasam.

O texto sobre o *rap* moçambicano assinado em coautoria entre Elísio Miambo e Emílio Cossa tem como foco principal um comparativo entre a literatura tradicional moçambicana e o *rap*. O texto mostra que existe uma influência direta entre dois nomes que são considerados ícones nas duas artes. O contemporâneo Azagaia e o lendário poeta João Craveirinha.

A análise feita por Miambo e Cossa mostra como ambas as formas de arte buscam resgatar e enfatizar a africanidade, expressão que se refere à construção de uma identidade local por meio do resgate e valorização dos saberes locais. Falar em resgates de saberes africanos é uma forma de resistência, justamente porque o histórico colonial apagou e buscou diminuir a importância desses conhecimentos locais, taxando-os como inferiores ou exóticos.

Em relação às exclusões sociais, o texto Miambo e Cossa também traz a música “*Cães de Raça*” de Azagaia, que é uma referência local em mostrar como o racismo se

reconfigura em um país majoritariamente negro. Em Moçambique, há diferenças de tratamento entre os negros, mulatos (descendentes da miscigenação entre brancos e negros), islâmicos (que são taxados de “munhés”) e a minoria branca.

Angola é contemplada nesta revista com um texto de nossa autoria e mais duas entrevistas. No texto de nossa autoria, mostramos uma mudança de tom nas músicas realizadas pelos *rappers* locais. A crítica e a denúncia do *rap* de intervenção são mantidas desde o final da década de 1990, mas a repetição dos problemas faz com que os artistas se tornem pessimistas, prevendo um futuro ainda pior do que a realidade atual.

A entrevista com Flagelo Urbano evidencia um artista que vive o *rap* em várias vertentes. Flagelo é certamente um dos artistas mais completos e que tem uma mensagem que merece muitos estudos aprofundados, apesar de não ser dos artistas mais famosos. A entrevista feita por Luan Alves Gondim deixa muito nítido que isso foi uma opção, visto que o artista não aceita convites para entrevistas em veículos de comunicação.

Flagelo Urbano é um artista que está no *rap* desde o início da década de 1990, atuando como produtor fonográfico, *beatmaker* e *rapper*. É também um palestrante sobre a genialidade do pensamento africano, remetendo a busca dos saberes africanos em uma perspectiva que se assemelha aos exemplos moçambicanos do *rapper* Azagaia e da poesia de Craveirinha, mostrando assim um paralelo com os textos de Elísio Miambo e Emílio Cossa.

A entrevista feita pelo reitor da Universidade Hip Hop de Angola, Milton Nkanzale também evidencia um artista que valoriza o conhecimento. Kamesu é um artista engajado no debate profundo para conhecer com o *hip-hop* e sobre o *hip-hop*. O artista mostra em sua entrevista que é necessário conhecer sobre *hip-hop*, para entender o poder do movimento como meio transformador de realidades. Sendo assim, é uma entrevista que dialoga com os demais textos apresentados na revista.

Esperamos assim uma boa leitura de todos, para entender o poder transformador do *rap* e cada vez mais utilizarmos a rima como forma de intervir na sociedade e também termos o *rap* ainda mais presente na universidade, em ações como a dessa revista!

Francisco Carlos Guerra de Mendonça Júnior